



UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA OBJETIVA: UM PASSO ANTERIOR AO BULLYING

Íris Vieira de França (1); Aleff Silva Aleixo (2); Douglas Azevedo da Cunha (3); Viviane Alves dos Santos (4); Francisco Felipe Paiva Fernandes (5)

(1) *Universidade Federal de Campina Grande, Email: irisvfranca@gmail.com*, (2) *Universidade Federal de Campina Grande, Email: aleff_aleixo@hotmail.com* ; (3) *Universidade Federal de Campina Grande, Email: douglas95.js@gmail.com*; (4) *Universidade Federal de Campina Grande, Email: virivialves@hotmail.com*; (5) *Universidade Federal de Campina Grande, email: felipaiva@hotmail.com*

Resumo: O número de casos de violência institucional escolar têm crescido nos últimos anos. Nesse sentido o presente artigo tem como objetivo principal apresentar uma revisão sistemática acerca da violência objetiva nesse contexto por meio da visão do filósofo Zizek. Este compreende os atos violentos como uma consequência dos meios capitalistas e governamentais, principalmente após a globalização. Neste trabalho, enfatiza-se a grande importância da compreensão dos fatos anteriores aos acontecimentos violentos para que se possa, de fato, pensar em uma solução ou uma forma mais direta de atuar contra o bullying. Tendo em vista que as grandes pesquisas e investimentos na área educacional costumam estar diretamente ligados a interesses imediatos, ou seja, a preocupação está em estancar o problema, quando na verdade o problema precisa ser compreendido e, ainda, verificar as consequências e influências do capitalismo no processo da construção de identidades violentas no contexto de uma instituição escolar. Com o fim das análises, pôde-se concluir que o passo anterior ao bullying se dá através de uma ruptura entre o visível e o invisível, entre uma violência propiciada por uma política do medo, explícita e uma violência demasiadamente silenciosa e extremamente presente. Espera-se que este artigo sirva de material para que os envolvidos nas instituições educacionais, principalmente os que lidam diretamente com o bullying, possam compreender os agentes propiciadores ou que dão respaldo a conflitos entre jovens e crianças. Não obstante, espera-se que o trabalho sirva como base para propostas acerca da interação social entre a instituição e o cotidiano que a perpassa.

Palavras chaves: violência objetiva, identidades violentas, bullying.

INTRODUÇÃO

A violência é um elemento presente desde a ruptura do mundo mítico para o mundo histórico, quando o homem sentiu a necessidade de obter uma verdade válida para todos que abarcasse suas dúvidas de existência. A partir de então, com o surgimento do diálogo surge a filosofia como forma de explicar a existência. E foi nos contatos entre grupos com crenças distintas que registrou-se os primeiros atos violentos, hoje tidos como intolerância (CHATELÊT, 1972). A violência fez-se presente nas grandes conquistas, tanto territoriais como ideológicas, como por exemplo as grandes navegações, a revolução científica, a Guerra dos Cem anos, a Guerra Fria.

Por muito tempo a violência foi explícita, e seus praticantes não economizavam na crueldade. Na idade média, por exemplo, os criminosos eram castigados severamente, tendo seus corpos mutilados e torturados em praças públicas. Entretanto, com o advento da modernidade,

quando puderam perceber que uma estrutura social precisava de normas para facilitar o convívio pacífico, o modelo penal deixou a punição para aderir a reeducação e reinserção dos criminosos em sociedade (FOUCAULT, 1987).

É então a partir do conceito de que a violência é compreendida pela sociedade como sendo sinônimo de crimes hediondos, visíveis e divulgados que o presente artigo irá proporcionar uma análise da obra *Violência* do filósofo Slavoj Zizek. Será esboçado, numa perspectiva marxista, que mescla psicanálise e psicologia social, uma análise crítica acerca das violências em evidência, onde, para o autor, existe uma violência meramente objetiva, totalmente invisível, mas que é propiciadora dos atos violentos visíveis, inclusive a causadora das violências institucionais e do bullying (ZIZEK, 2014).

Zizek (2014) elaborou três grandes conceitos acerca da violência, denominados de violência subjetiva, violência simbólica e violência objetiva ou sistêmica. A primeira é argumentada como explícita, aquela na qual se vê nos noticiários ou meios midiáticos em geral, a violência do horror, dos assassinatos, estupros, incêndios criminosos, da tortura, aquela na qual impede o sujeito de sair nas ruas com segurança.

A segunda denominação, violência simbólica, é caracterizada pelo discurso ou campo da linguagem. Consiste na violência marcada por ameaças verbais, desenhos de incitação ao ódio, perseguição. Esta é geralmente observada nos campos institucionais, principalmente em escolas (ZIZEK, 2014).

A terceira denominação, violência objetiva ou sistêmica, trazida pelo autor como a mais importante no campo das esferas sociais para que se possa compreender os atos violentos, ocorre de forma menos visível possível, é a violência intrinsecamente implícita, mas completamente objetiva, isto é, tem como finalidade modificar um curso histórico ou uma forma de vida, da maneira mais cruel possível, sem ser compreendida como tal. É a violência que se dá por processos sistêmicos, partindo do campo econômico e atuante das mais diversas formas possíveis (ZIZEK, 2014).

Para Zizek (2014) a violência objetiva é tão ou mais perversa que as demais, tendo em vista que atua originalmente de forma mascarada. Esta é a violência desconsiderada pelas massas, pois é produzida pelos órgãos governamentais mediante o modelo econômico do capitalismo, principalmente após a ascensão da globalização. Por ser constantemente mascarada, este tipo de violência promove e financia grandes atos violentos que são, na maioria das vezes, despercebidos.

Além disso, a violência objetiva é a causadora do controle social através de uma política do medo. É explicitando atos horrendos, maldade e crueldade que são provocados na sociedade um sentimento de negação a realidade posta. É através do medo e da violência subjetiva que os donos do poder promovem suas manipulações das massas, realizam crimes de corrupção, promovem a



indiferença, enfatizam a desigualdade social. É uma simples questão de mudar o foco de uma real situação. Assim esboça Zizek:

A lição aqui é que devemos resistir ao efeito de fascínio da violência subjetiva, da violência exercida por agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados e multidões fanáticas: a violência subjetiva é tão somente a mais visível das três (ZIZEK, 2014, p. 23).

Por conseguinte, as esferas institucionais seriam reprodutoras ou inibidoras desta violência objetiva, não por mero gozo, e sim por reproduzirem o que desconhecem, ou o que não questionam, por fazerem parte de uma sociedade pautada em um mecanismo de manipulação em massa, identificado, entendido como o capitalismo e suas consequências.

Neste sentido, objetiva-se problematizar as implicações da violência objetiva para o cotidiano educacional de crianças e adolescentes marcados pelos discursos que muitas vezes exclui e desconsidera seus contextos sociais. Ainda, a ausência de discussões atreladas ao mencionado anteriormente torna relevante este trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste na análise da obra *Violência* (2014), do filósofo Slavoj Zizek, aplicado ao bullying enquanto fenômeno que agencia e produz a violência na esfera educacional, advindo do núcleo familiar à escolas, ou melhor dizendo, desde muito antes de qualquer formação de grupos sociais. É numa perspectiva marxista que pode-se avaliar, segundo Zizek (2014), a violência como sendo consequência dos fatores capitalistas e pós globalização. Portanto, a violência aqui será analisada no campo moral, uma violência denominada objetiva.

ZIZEK E O CAMPO EDUCACIONAL

As instituições há tempos vêm registrando casos de violências entre seus adeptos. Não é novidade que estes atos são muitas vezes desconsiderados, afinal, os meios de comunicação, os quais informam as populações o que acontece em todo mundo, estão mais interessados em um outro tipo de violência, aquela que irá gerar repercussão, compartilhamento, revolta, comentários. Geralmente é a violência simbólica que se faz presente nos campos institucionais, principalmente no âmbito escolar, uma violência do tipo silenciosa, aparentemente não prejudicial, a nível do discurso e da linguagem. Como visto anteriormente, é a violência propiciadora do bullying (SILVA, et al., 2010).

O conceito de violência institucional e suas diversas formas de abordagem e de danos é esboçado, segundo Silva et al. (2010), na grande demanda de pesquisas sobre bullying como sendo





a atuação da violência no campo das ameaças verbais entre grupos de alunos e professores. É marcante a violência simbólica, pois ela está presente no discurso preconceituoso, em desenhos satíros, gestos e atos não físicos. Entretanto, o destaque, dentre os tipos de violência mencionados, se dá na violência conceituada como mascarada, que é implícita e tida como elemento normal de crianças e jovens indisciplinados, ou seja, uma violência mais corriqueira que, no entanto, é desconsiderada pelos adultos.

Em geral a violência ficou conhecida como um ato de brutalidade física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência pode manifestar-se por signos ou por símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica (SILVA, et al., 2010).

Nesse contexto, pode-se perceber a violência escolar como observada apenas no campo simbólico e que, apenas este modelo de violência é mascarada. A construção do bullying, para muitos, é propiciada por fatores que estão diretamente ligados com a conduta violenta do jovem na instituição escolar e que a conduta do professor é de suma relevância para o controle da violência, pois são estes que estão diretamente vinculados aos precursores dos atos delinquentes, podendo intervir ou propagar. Não obstante, afirma-se que a família é uma estrutura social fundamental na conduta de crianças e jovens na escola (PAULA; SILVA, et al., 2010).

A discussão trazida em *A violência no cotidiano juvenil: uma análise a partir da escola* é de que tanto pais permissíveis demais, como pais que utilizam de castigos físicos ou emocionais muito agressivos, tendem a condicionar os filhos a atos violentos. Todavia, estes aspectos não são os causadores de uma má conduta na escola, pois fatores sociais estão ligados a estes comportamentos, não apenas a desigualdade social, como também a ausência de preceitos ético-culturais no acompanhamento da construção do sujeito, a influência da globalização, principalmente dos meios midiáticos, onde este propiciou a deflagração e banalização da violência, principalmente a simbólica (PAULA; SILVA, et al., 2010).

Com outra perspectiva, para Zizek (2014), a compreensão dos atos violentos se dá muito antes do que uma violência subjetiva ou simbólica. Estas são apenas resultados de uma violência meramente invisível, uma violência sistêmica, objetiva, que de fato é mascarada. A violência objetiva anterior ao bullying pode ser compreendida e analisada pelos agentes da educação a partir da instância em que está inserida. Será partindo do pressuposto de que a própria instituição escolar reproduz a violência que poderá ser compreendido a dinâmica de combate ao bullying, isto é, analisando a estrutura escolar como uma esfera adentrada no capitalismo. É compreender o



processo de globalização como sendo um mecanismo totalmente violento e que age silenciosamente nos papéis de construção das identidades violentas. A globalização e o capitalismo são fenômenos intrinsecamente perversos e totalmente produtores da violência. Assim propõe Silva (2010) em seu artigo sobre a violência simbólica:

O espaço escolar constitui um lugar repleto de alunos e alunas advindos de contextos sócias distintos. A escola, por sua vez, se encarrega de inculcar neles os valores e crenças derivados da ideologia dominante e disseminados com os saberes curriculares (a literatura, a matemática, a norma culta da gramática na língua materna, a história, a ciência). As ideias dominantes serão, portanto, aquelas que atentam ou favorecem os interesses capitalistas.

A esfera governamental utiliza destes fenômenos para controlar e produzir identidades.

Sabe-se que tanto em escolas públicas, como em escolas privadas existem crianças e jovens pertencentes a diferentes classes sociais, diferentes culturas. Não obstante, a lógica do capitalismo propaga a tecnologia e incita o consumo. Tais características geram conflitos entre grupos que são diferentes. Neste sentido, o bullying é praticado justamente para com o diferente. Para além do capitalismo, outra análise é válida: a mídia, em geral, financia padrões de pessoas ideais, nas novelas, nos filmes e nas redes sociais. Existe o corpo perfeito, a orientação sexual correta, a cor da pele ideal que são diretamente proporcionais ao status e a popularidade. Sendo assim, tudo que foge do padrão de normatividade, ou seja, tudo aquilo que é demasiadamente diferente e perpassa o campo dos padrões é excluído, inibido, distanciado (ZIZEK, 2014).

Tratar a construção de identidades violentas apenas como sendo consequência do capitalismo é bastante equivocado, todavia, é este mecanismo o principal fator, atualmente, que provoca o grande aumento destas identidades, afinal, para o mundo globalizado, isto é lucrativo. A grande questão a ser lançada não é desconsiderar que as ideias de combate ao bullying são ineficazes, pelo contrário, são importantes e precisas, tendo em vista que, para compreender o passo anterior aos atos violentos em escolas, precisa-se possuir um senso de mudança.

Não é fácil lidar com crianças e jovens advindos de realidades completamente diferentes, são ideais, metas, carências completamente distintas. Entretanto, assim como propôs Hall (2003), temos hoje demandas de sujeitos sociológicos, aqueles nos quais possuem suas identidades “definidas” por momentos históricos. As identidades não são fixas, são múltiplas e mutáveis, o que valida a ideia de que uma identidade violenta pode ser desconstruída. Para tanto, basta compreender que uma criança ou um jovem violento ou até mesmo em conflito com a lei, antes de qualquer outra identidade, é uma criança/jovem, é um filho, um estudante, um irmão. É incoerente rotulá-lo como violento e desconsiderar todas as outras identidades que o mesmo possui, assim como é incoerente



afirmar que aquela criança será sempre violenta. Estar violento não significa que será violento sempre, pois esta identidade foi construída através do meio no qual o indivíduo vive.

Construção de identidade violenta está diretamente ligada à produção de violência objetiva, pois é esta que se faz presente cotidianamente na vida familiar e escolar de jovens e crianças, principalmente daquelas que estão em vulnerabilidade social. O bullying é produzido por uma estrutura social econômica que está ligada diretamente com o entretenimento, com a produção de capital. Não é fácil estar à margem de uma sociedade capitalista, ver dezenas de outras crianças possuírem brinquedos, roupas, cadernos, que outras jamais poderão ter, ver que a forma para ter mais amigos, mais admiração, ser mais popular, é possuindo, comprando, ou produzindo. Infelizmente algumas vão procurar outra forma de obter tal status, vão produzir medo ou violência. É fácil apontar que o erro está na estrutura familiar, na má conduta do professor, do gestor escolar. Se há erro, ele está presente bem antes de todas as estruturas sociais. Este “erro” atua de forma sistêmica e silenciosa.

Segundo Zizek (2014), a violência objetiva é abafada por uma política do medo. Para o autor as pessoas são induzidas por agentes governamentais a possuírem medo de sair nas ruas, medo de deixarem filhos a sós, medo de viajar, de conhecer pessoas, medo de andar de ônibus, andar em seus próprios carros, medo de ficar em casa. Não é novidade que a “indústria do medo” está crescendo em grande escala. Grandes empresas de segurança domiciliar estão lucrando cada vez mais com o medo de pessoas. Porém, o lucro maior é dado ao Estado, o produtor deste medo, pois é através deste fator que grandes nações são controladas e influenciadas.

Paralelo aos ideais de Zizek (2014) pode-se ser agrupado, mediante tais características da política do medo, o que Foucault (1987) chama panoptismo, isto é, um dispositivo disciplinar, pautado em um controle micro de cada indivíduo, “[...] a uma organização aprofundada das vigilâncias e dos controles, a uma intensificação e ramificação do poder”. Para Foucault (1987) existe uma estrutura, política ou social que intervém diretamente nos atos de cada indivíduo, que o controla, vigia e pune. Essa estrutura, denominada panoptismo, atua de forma indireta na vida e no cotidiano de cada pessoa, o que acaba desvirtuando o ponto de visão real de uma determinada situação.

No assunto discutido – a violência escolar – o que acaba ocorrendo é a ausência do foco real da situação, haja vista que, ao se tratar da lida com crianças e adolescentes, quase nunca a vivência nesta fase, por adultos, é levada em consideração. Ou seja, não se põe créditos no discurso infanto-juvenil, como também não se busca uma compreensão da situação atual da sociedade que o próprio professor/gestor/diretor está inserido.



A violência existe e é real, ter cautela e cuidados são precisos, entretanto, é imprescindível que se saiba que este medo que é sentido por muitos é o causador de lucros de grandes empresas e do Estado. A instituição deve ser ciente de que faz parte desse mecanismo de controle e que determinados posicionamentos arraigados em uma cultura conservadora possibilita ainda mais a disseminação dos atos violentos. É mais que importante lançar um olhar para o momento em que a escola ou instituição educacional está inserida, pois nada diz mais do que o momento sócio histórico em que se encontra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão lançada, além de ser uma reflexão sobre um tema tão elucidado na educação, é um apelo às entidades e organizações educacionais, para que apliquem sobre seus conceitos uma visão de realidade e de crítica, pois a violência é um fator inegável e existente numa forma amplamente variada, e que, para que se possa pensar em punição, reeducação, reinserção, é extremamente importante pensar a própria instituição como reprodutora do meio externo.

Culpar um indivíduo, seja ele uma criança ou um adulto, é se negar a ver o real. É simplesmente ser molde de uma sociedade pautada por um conservadorismo e movida pelo capitalismo e suas consequências. Não se pode negar que há uma esfera que coordena o meio social, que manipula, induz e culpabiliza.

Sendo assim, conclui-se que reformular os papéis educacionais é ter uma visão radical, entretanto, esses papéis podem e devem agir de forma coerente com a realidade posta, com as diferenças e desafios lançados. Não se deve negar ou abrir mão dos resultados alcançados com políticas de reeducação, porém, assumir que os atos violentos existentes numa instituição são propiciados por uma política que impõe e financia diretamente os mesmos é agir com coerência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHATÉLET, François. **Logos e Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- PAULA E SILVA, J.; REVILLA CASTRO, J. C.; SALLES, L. M. F.; VILLANUEVA, C. F. **A violência no cotidiano juvenil: uma análise a partir da escola**. - Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2010.
- SILVA, A. **Violência Simbólica: a escola como reprodutora das desigualdades sociais**. In: GONÇALVES, C. ANDRADE, F. (Orgs.). **Violência e Bullying na Escola**. - Curitiba, PR: CRVG, 2015.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

TULIO, R. **Reflexões acerca do conceito de identidade.** Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, 2009.

ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais.** Tradução Miguel Serras Pereira. -1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2014.



